Sinergias: um tecido colectivo onde reexistimos

Graça Rojão[1]

Afectos, pensamento crítico e transformação social

Há lugares no mundo que não se medem pelas coordenadas cartesianas da geografia física, mas sim pela profundidade dos laços que neles se tecem e pela capacidade que têm de expandir os nossos horizontes internos. A comunidade Sinergias ED é, por excelência, um desses territórios.

Escrever este testemunho, a partir de um lugar que é duplo – enquanto pessoa e enquanto membro da cooperativa CooLabora – é um exercício de aproximação a algo que é, simultaneamente, casa, caminho e horizonte. Trata-se de uma pertença construída com tempo, escuta e compromisso. Este testemunho procura traduzir em palavras uma experiência com forte sentido político, afectivo e poético, onde a transformação social não se enuncia apenas: pratica-se, ensaia-se e reinventa-se continuamente.

Olhar para o ecossistema Sinergias significa compreender que a verdadeira transformação não nasce do isolamento, mas sim do encontro e do imprevisto. É na fricção generosa entre o saber académico e a riqueza orgânica da práxis das organizações da sociedade civil que este projecto encontra uma das suas maiores forças. Aqui, rompe-se com elitismos pseudo-científicos e fundam-se pontes onde antes existiam abismos epistemológicos. Habitar este espaço é aceitar o desafio permanente da desinstalação – um convite a revisitar as certezas que carregamos na bagagem e a acolher dúvidas partilhadas.

Pensamento crítico, comunidade e aprendizagem

Se me perguntarem o que representa para mim este colectivo, a resposta desdobra-se em três dimensões fundamentais que se interpenetram e se alimentam mutuamente: o pensamento crítico, a comunidade e a aprendizagem. Estes não são conceitos abstractos; são experiências encarnadas nos corpos, nos sorrisos, nos cansaços e nas discussões densas que moldam o nosso quotidiano enquanto colectivo.

O **pensamento crítico** manifesta-se no encontro com pessoas de diferentes geografias e percursos que me desafiam a olhar para a realidade através de novos ângulos, numa discus-

[1] CooLabora – Intervenção Social.

são colectiva constante e exigente que se assume como fonte de inspiração e espaço seguro de reflexão. A comunidade pulsa no reencontro com pessoas com as quais estabeleci laços fortes e que é sempre uma alegria rever – um autêntico espaço de cuidado mútuo, que valoriza as relações e a escuta, permitindo o encontro profundo entre 'pares e ímpares'. A aprendizagem desenha-se não apenas pelos conhecimentos mais reflexivos que nos marcam, mas pelas formas de fazer e pelas metodologias participativas, que nos desinstalam das formas usuais de organizar momentos colectivos.

A dimensão do pensamento crítico é uma lufada de ar fresco num tempo acelerado, marcado pela pressa e pela urgência de respostas imediatas e de consumo rápido. O Sinergias oferece-nos o direito ao tempo: tempo para pensar em conjunto e a partir da experiência. Encontrar espaços que nos provocam, que questionam convicções e nos estimulam a revisitar certezas é um privilégio. A discussão sobre a transformação social deixa de ser um horizonte utópico e abstracto para se tornar uma prática diária. Este espaço de reflexão profunda não nos paralisa, pelo contrário, motiva-nos a continuarmos a agir nas nossas realidades locais.

Por sua vez, **a comunidade** é a casa afectiva e o coração deste processo. Há rostos que guardo, companheiras e companheiros de jornada com os quais partilho uma confiança tecida na continuidade. Cada reencontro transforma-se numa celebração de alegria. Mas o que torna esta comunidade verdadeiramente singular é o facto de ela recusar ser um clube fechado de iguais. É a possibilidade de encontro entre 'pares e ímpares' – onde quem nos é semelhante nos ampara e quem é radicalmente diferente nos expande e enriquece. No Sinergias, o acolhimento da diferença não é uma barreira defensiva, mas a matéria-prima mais pura da nossa criatividade social.

Esse acolhimento da pluralidade enraíza-se na nossa visão sobre **a aprendizagem**. Aprender aqui exige uma pedagogia da presença, do corpo e do afecto. Aprendemos novas formas de fazer, de cocriar e de desenhar processos colectivos. Aprendemos através de dinâmicas que nos despertam para outras possibilidades de agir e de pensar. Trata-se de um processo corajoso de desinstalação dos lugares que habitualmente ocupamos nas nossas instituições e na sociedade. Desinstalarmo-nos dói e desconcerta, mas é um caminho fértil para que o respeito pela alteridade deixe de ser uma mera declaração de intenções.

Cartografia de uma participação

Não sei bem como nem quando começou a minha viagem no Sinergias, mas sei que tem sido desenhada através de diferentes geografias de acção e colaboração, cada uma delas como janela singular de aprendizagem e de partilha, onde o pessoal e o colectivo se fundem.

Destaco aqui alguns espaços de que participo: em primeiro lugar, assinalo o grupo de trabalho da Revista e a minha participação no conselho editorial de alguns números. Ler os contributos que chegam, dialogar e debater edições não é um trabalho burocrático, é um processo artesanal que nos permite aprender com a leitura rigorosa, mas também sobre como podemos fazer coisas em conjunto. A revista tece uma teia preciosa entre o rigor conceptual e a urgência transformadora da sociedade civil. Ao acolher activamente outras linguagens – as poéticas, as visuais, as narrativas –, a revista rompe com o elitismo pseudo-científico. O destaque dado às práticas é um acto político de validação de outros saberes e de educação comunitária. Não se trata, de modo algum, de um mero canal para publicação de artigos que servem sobretudo para justificar carreiras académicas. A Revista é um local onde se podem forjar encontros

estimulantes, oriundos de geografias diversas, tendo como traço de união os processos de educação para a transformação social.

Em segundo lugar, a participação nas escolas comunitárias oferece um momento mais imersivo, que convida a desacelerar e a pensar, numa atmosfera que se pauta pelo inconformismo. As metodologias utilizadas não são apenas técnicas de facilitação; constituem expressões concretas da democracia em acção. São dinâmicas participativas que garantem que nenhuma voz é silenciada e que o conhecimento é construído de forma circular, onde quem facilita também aprende e quem participa também ensina.

Em terceiro, a participação nos encontros da comunidade, que são momentos em que a comunidade ganha corpo, densidade e presença física. São espaços onde convergem pensamento, relação e aprendizagem. É neste território que se torna possível o encontro entre quem partilha trajectórias semelhantes e quem traz experiências radicalmente distintas. E é precisamente nesse cruzamento que se abrem possibilidades novas: de compreensão, de colaboração, de transformação.

Por fim, assinalo o envolvimento mais recente no conselho cuidador, que estimulou o meu compromisso com o colectivo. Permitiu-me compreender mais profundamente os desafios de sustentabilidade do Sinergias e as opções estratégicas inerentes aos caminhos que queremos trilhar. É um exercício de escuta atenta das necessidades e de procura de futuros.

As resistências

O caminho da transformação social não é linear nem isento de atritos e implica compreender o território denso das resistências. Estas barreiras nem sempre se manifestam como oposições ruidosas ou confrontos explícitos. Muitas vezes, as resistências mais difíceis de desconstruir são as invisíveis, aquelas que habitam em nós e nas estruturas que nos rodeiam: o cansaço sistémico que imobiliza as organizações, o medo da perda de controlo institucional, a tentação inconsciente de reproduzir lógicas burocráticas e a inércia de formatos confortáveis, que já dominamos. Há uma tendência quase orgânica dos sistemas em cristalizar o pensamento e em se reduzir a uma linguagem domesticada e inofensiva, desprovida de carga emancipatória.

No seio deste ecossistema, reconhecer estas resistências é o primeiro passo. Exige de nós uma autocrítica e uma atenção constante para não deixarmos que os nossos próprios espaços de liberdade sejam capturados. A resistência à transformação combate-se com a insistência na desinstalação permanente, e é isso que o Sinergias estimula. Quando as estruturas exteriores empurram os colectivos para a produtividade frenética e para a competição por recursos, por projectos, por financiamentos, responder com uma ética do cuidado, com a reflexão e com a colaboração torna-se uma forma de contra-resistência.

Significa assumir conscientemente as tensões e os recuos como partes integrantes de um processo longo e inacabado de reexistência. A transformação social é um rio longo, feito de correntes e represas, de tensões latentes e de infinitas possibilidades. No Sinergias escolhemos permanecer e caminhar em conjunto.

Manifesto para o Futuro

Ao longo deste percurso, por vezes pergunto-me o que significa, para mim, o Sinergias. Talvez seja habitar um espaço de permanente inacabamento, aceitar que a transformação

social é um processo longo, feito de avanços e recuos, de tensões e possibilidades. E, ainda assim, escolher permanecer.

Num mundo crescentemente autoritário, violento, individualista e hostil, insistir numa comunidade que acolhe, que cuida e que reflecte é uma forma de insurreição. Que o Sinergias continue a ser este laboratório vivo de utopias reais. Que saibamos proteger este espaço de cuidado mútuo, mantendo as portas abertas a todas as pessoas – 'pares e ímpares' – que se queiram juntar a esta caminhada movida pela justiça social, por uma educação emancipatória e pela construção paciente de um amanhã onde caibam muitos mundos.

ÍNDICE